

NOTAS E RECENSÕES

GEOGRAFIA DE PORTUGAL (O. RIBEIRO, H. LAUTENSACH, S. DAVEAU); O TERCEIRO VOLUME

De acordo com o plano traçado pela organizadora de obra, apareceu recentemente o terceiro volume, intitulado *O Povo Português*, da *Geografia de Portugal* em que se reúnem contributos de ORLANDO RIBEIRO, HERMANN LAUTENSACH e SUZANNE DAVEAU, escritos em diferentes épocas ⁽¹⁾. Com efeito, cada um dos três capítulos que constituem este volume, tal como os dos anteriores ⁽²⁾, compreende sucessivamente textos dos livros elaborados sobre o assunto por H. LAUTENSACH (1932) e O. RIBEIRO (1955), e os comentários e actualização de S. DAVEAU.

No capítulo VII (p. 625-702), assim referenciado em função da sequência global do trabalho, faz-se o estudo da «Geografia Histórica», o que corresponde ao começo da análise dos diferentes temas da geografia humana do território. H. LAUTENSACH e O. RIBEIRO procuram, no fundo, destringir influências diversas que se verificaram em sucessivas fases da ocupação humana da área peninsular portuguesa e se revelam interessantes para a compreensão das suas características actuais. Ambos tomam como ponto de partida os tempos pré-históricos, mas o primeiro queda-se nos meados do século XVI, ao referir algumas consequências dos descobrimentos, enquanto o segundo aceita, como limite, o período, pouco posterior ao final da Reconquista, em que ficou delineada aquela área, já então objecto de várias medidas de organização e fomento por parte dos estratos sociais dirigentes. O texto de O. RIBEIRO revela ainda a preocupação de aprofundar o estudo do problema da «formação de

⁽¹⁾ *Geografia de Portugal*, por ORLANDO RIBEIRO e HERMANN LAUTENSACH, organização, comentários e actualização de SUZANNE DAVEAU, volume III, *O Povo Português*, Edições João Sá da Costa, Lisboa 1989 (XXI p. + p. 625 a 943, figs. 137 a 201, tabelas 19 a 26).

⁽²⁾ Veja-se a recensão dos dois primeiros volumes, que publiquei no n.º 46 desta revista (1988), p. 309-316.

Portugal», numa linha de pesquisas presente também noutros trabalhos seus; H. LAUTENSACH, igualmente interessado pelo tema, preferiu tratá-lo nesta obra em breves alusões no capítulo I (1.º vol., p. 5-23).

Nas suas observações, S. DAVEAU discute com muita pertinência as questões metodológicas que se ligam à inclusão da Geografia histórica no estudo da geografia de Portugal (p. 678 e segs.). Trata-se de matéria em que a autora tem desenvolvido ou orientado investigações e em relação à qual apresenta e discute contributos recentes, em boa parte devidos a historiadores. As alusões à fase pré-histórica, por exemplo, abrem caminho para precisar alguns aspectos. É assim que se torna «cada vez mais evidente o pouco sentido que tem ir buscar aos tempos do Paleolítico antigo e médio, principalmente conhecidos através de investigações de estratigrafia geológica, umas vagas tendências gerais, que teriam marcado a evolução cultural e técnica da fachada ocidental da Península Ibérica. Está hoje abandonada a ideia da permanência, quase constante, dos traços de arcaísmo e rudeza, que seriam típicos da *finisterra* atlântica — ideia que o texto de O. RIBEIRO reflecte ainda» (p. 680). Quanto ao citado problema da formação da nacionalidade portuguesa, são devidamente salientados os recentes trabalhos de JOSÉ MATTOSO, fundamentais neste domínio.

Note-se que H. LAUTENSACH conjuga o estudo das «bases históricas» com uma alínea sobre «a psicologia social do povo português»; segundo ele, «um tema precisa ainda ser discutido: a atitude psicológica do povo português, que condicionou a actual paisagem cultural do País e que determina os factores capazes de a manter ou de a modificar progressivamente» (p. 640). A justificação metodológica do assunto surge-nos assim coerente em termos geográficos, o que não nos pode fazer olvidar as dificuldades que a sua análise comporta. Também O. RIBEIRO se sentiu atraído por esta questão, sobre a qual teceu algumas considerações que acabaram por não ser incluídas em 1955 no seu livro, publicado em castelhano, e aparecem agora na sequência da matéria relativa à população, tal como era propósito inicial do autor; é uma dezena de páginas inéditas (769-778), só nesta altura finalmente reproduzidas. Para além das influências que as características intrínsecas dos portugueses condicionam necessariamente na própria ocupação do espaço, O. RIBEIRO encara-os também como «elemento inseparável da paisagem», nas suas deslocações, na animação que conferem aos lugares e caminhos, no seu próprio tipo físico e nos seus trajes. Aliás, esta mesma perspectiva é assumida por H. LAUTENSACH numa curta subdivisão do seu capítulo sobre os elementos demográficos (p. 712-714).

Encontramo-nos aqui perante matéria um tanto controversa, que se situa na convergência com o âmbito de algumas Ciências Humanas, designadamente a Antropologia Cultural (*); como nota S. DAVEAU, «a inevitável generalização» exigida esconde «forçosamente muitas cam-

(*) Veja-se o excelente ensaio de JORGE DIAS, *Os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa*, recentemente reeditado na *Colecção Essencial* da Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Lisboa 1985.

biantes regionais ou sociais de interesse» (p. 700). Por outro lado, as transformações registadas ultimamente, em pouco mais de um quarto de século, e cada vez mais intensas, acentuaram aquela diferenciação, o que leva diversos investigadores a insistirem na «divisão da população portuguesa em grupos e classes sociais», de preferência ao conceito genérico de «povo» adoptado por H. LAUTENSACH e O. RIBEIRO (p. 700). Cada vez mais concentrados em áreas urbanas, sobretudo nas de maior dimensão, atingidos por influências variadas que delas irradiam, os portugueses vão, por outro lado, adoptando novos estilos de vida e padrões de comportamento, bem diferentes em relação ao que se encontrava mais generalizado (*).

O capítulo VIII intitula-se «A População» (p. 703-826). H. LAUTENSACH preocupou-se fundamentalmente com a análise e interpretação da repartição dos habitantes pelo território, tendo estabelecido para o efeito dois minuciosos mapas, com os dados de 1920; apresentou também, conforme ficou indicado, algumas considerações sobre a «fisionomia da população», para depois estudar, finalmente, a evolução demográfica no nosso século, a nível nacional e regional, e os factores que a determinam. O RIBEIRO analisa, com muito maior soma de pormenores, a evolução da população e o modo como variou a sua distribuição, recuando até períodos anteriores à nacionalidade e aproveitando devidamente os elementos do famoso «numeramento» de 1527-32. O estudo dos factores responsáveis por todo este processo, em especial nas suas fases mais recentes, até se atingir a situação registada nos meados do nosso século, privilegia desenvolvidamente os movimentos internos da população e a emigração. Ambos os autores concedem escassa relevância aos mecanismos fisiológicos da evolução demográfica e deixam praticamente em claro a menção da estrutura populacional por idades e sexos (veja-se o comentário de S. DAVEAU, p. 780); não pode esquecer-se, porém, que só posteriormente estes temas começaram a ser tratados de forma detalhada em trabalhos de Geografia humana.

As situações retratadas por H. LAUTENSACH e O. RIBEIRO sofreram, como é bem conhecido, profundas alterações até aos nossos dias: a emigração conheceu brutal acréscimo, para depois, a seguir a 1973, se retrair acentuadamente, ao mesmo tempo que foram variando os seus destinos; a concentração de gente nas principais aglomerações urbanas atinge níveis cada vez maiores; detectam-se sintomas de envelhecimento da população, em contraste com o elevado índice de juventude ainda registado em meados do nosso século...

Tudo isto tornou substancialmente acrescidos os «comentários e actualização» de S. DAVEAU (p. 779-826). Nestes se passam em revista,

(*) Ainda que, por vezes, sob um envólucro novo, se continuam a contemplar velhas funções ou necessidades, relacionadas, por exemplo, com o funcionamento de estruturas urbanas; deve consultar-se, a este respeito, o penetrante artigo de JORGE GASPAR, «Do Pelourinho ao Centro Comercial», *Povos e Culturas*, n.º 2, Lisboa 1987, p. 243-259.

após breve resenha sobre a evolução dos conhecimentos quanto à matéria, os seguintes temas (utilizo, quase literalmente, os subtítulos escolhidos pela autora): persistências e modificações na distribuição da população; os mecanismos de evolução demográfica, incluindo os de natureza fisiológica e a mobilidade da população no país; a concentração de habitantes nas regiões de Lisboa e do Porto; a evolução recente da emigração, a propósito da qual se aflora a questão do retorno dos emigrantes, particularmente significativo nos últimos anos, e dos portugueses estabelecidos nas antigas colónias, por altura da independência destas; e as estruturas demográficas (sexos, idades, repartição regional, tendências de evolução). Ficam para o volume quarto, dedicado à vida económica e social, as referências à estrutura profissional da população activa (p. 780).

S. DAVEAU apresenta-nos assim uma síntese equilibrada dos principais problemas da geografia da população portuguesa, em que à elaboração pessoal do assunto alia o aproveitamento de bibliografia fundamental que lhe diz respeito, cujas referências permitirão ao leitor aprofundar as matérias que mais lhe interessam. O texto é muito enriquecido por numerosos gráficos e mapas, uns extraídos dos trabalhos citados, outros preparados expressamente pela autora.

Este terceiro volume da *Geografia de Portugal* fecha com o capítulo IX, «O Povoamento» (p. 827-918). H. LAUTENSACH e O. RIBEIRO estudam os tipos de casa e de povoamento, bem como os condicionamentos que os influenciam. Trata-se fundamentalmente de casa rural e povoamento rural, o que é expresso de forma concreta por O. RIBEIRO. Este autor inclui no capítulo uma subdivisão relativa às cidades (p. 869-874), pouco e esparsamente referidas por H. LAUTENSACH, em boa parte por ter decidido fazer-lhes alusão no estudo regional que constitui o 2.º volume do seu livro. De qualquer forma, o geógrafo alemão apresenta-nos uma cuidada análise dos nomes de lugar (p. 839-849), contributo original e ainda hoje valioso, no qual estabelece tipos toponímicos em relação com os períodos de formação, acabando por individualizar 8 áreas toponímicas. Os dois autores terminam as suas considerações com referências às vias de comunicação e aos transportes.

Os comentários e actualização de S. DAVEAU (p. 877-918) insistem em especial no estudo dos centros urbanos; com efeito, como escreve a autora logo no começo do volume, «as cidades e, de maneira geral, as áreas urbanizadas são as grandes ausentes» dos textos de H. LAUTENSACH e O. RIBEIRO (p. XIII). Deste modo, para além de aludir à estrutura e fisionomia das aglomerações urbanas, S. DAVEAU define as principais características da rede urbana, salientando os problemas da hierarquia e das áreas de influência, debruça-se sobre o fenómeno da urbanização difusa, tão relevante no nosso país, e dedica particular atenção às Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto, com o seu peso considerável no conjunto da população urbana de Portugal. Os outros temas tratados neste capítulo são também objecto de análise por parte da autora que, para o conjunto daquele, nos oferece de novo um texto sintético mas muito rico de informação, com múltiplas indicações bibliográficas e numerosas figuras; quanto a estas, apenas se estranhará porventura a não inclusão

de extractos de plantas de cidades, mais ou menos detalhadas, com concepção diversa, susceptíveis de valorizar ainda mais este trabalho.

Como tive já ocasião de sublinhar em recensão anterior, a *Geografia de Portugal* de O. RIBEIRO, H. LAUTENSACH e S. DAVEAU constitui uma obra de interesse e importância fundamentais para o conhecimento do país: a difusão do terceiro volume mais não faz do que reforçar este juízo. Reiterando embora as duas observações contidas no final daquela recensão, relativa aos dois primeiros volumes (⁵), que nada me leva a rectificar, devo reafirmar aqui o notável esforço da organizadora dessa obra. Refira-se que a sequência dos capítulos não é a que O. RIBEIRO e H. LAUTENSACH adoptaram nos seus livros, mas, tal como nos volumes anteriores, tem plena justificação e coerência o ordenamento de conjunto conferido por S. DAVEAU.

O. RIBEIRO e H. LAUTENSACH, a par de considerações que se ajustam perfeitamente ao contexto actual da geografia humana portuguesa, dão-nos a imagem do país «essencialmente agrícola» que se manteve até meados do nosso século, antes das transformações ocorridas nos últimos decénios, as quais transparecem bem nos textos de S. DAVEAU. A influência das condições naturais, tão sublinhada por aqueles dois autores, em aspectos como a distribuição e os movimentos da população, ou as características do povoamento rural, tem-se atenuado: e hoje já não seria adequado escrever que a indústria «fora das regiões do Porto e de Lisboa (...) ou é um suplemento que se acrescenta à vida do campo sem se sobrepor a ela ou uma 'concentração' de limitada influência» (O. RIBEIRO, p. 750); nem se afiguraria curial avançar que certos «testemunhos da civilização mecanicista, ainda alheia em Portugal, quase não existem nas suas cidades» (⁶) (H. LAUTENSACH, p. 834). Como se antevia, nestes trabalhos de geografia humana assim evocados, é o reflexo de outra época que transparece: mas ela é fundamental para a compreensão daquela em que vivemos. Na realidade, quando se lêem estas páginas, resulta bem clara a ideia de que há obras que não envelhecem e cuja consulta se revela sempre proveitosa.

CARLOS ALBERTO MEDEIROS